

FORJA



JOSEMARIA ESCRIVÁ

# FORJA

6ª edição

Tradução  
Emérico da Gama



QUADRANTE

Título original

*Forja*

Copyright © 2026 by Fundación Studium

Com aprovação eclesialística

Capa: Gabriela Haeitmann

---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

---

Escrivá de Balaguer, Josemaria, 1902-1975.

Forja / Josemaria Escrivá ; tradução Emérico da Gama. – 6ª ed. – São Paulo :  
Quadrante, 2026.

Tradução de: *Forja*

ISBN: 978-65-287-0159-9

1. 1. Ascetismo 2. Espiritualidade 3. Meditações 4. Oração 5. Vida cristã 6.  
Vida espiritual – Igreja Católica I. Título.

CDD-248.482

---

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Vida cristã : Guias para católicos romanos : Cristianismo 248.482

Todos os direitos reservados a QUADRANTE EDITORA

Rua Bernardo da Veiga, 47 | Tel.: 11 3873-2270

01252-020 - São Paulo - SP

www.quadrante.com.br | atendimento@quadrante.com.br

# SUMÁRIO

7	<i>Apresentação</i>
15	<i>O Autor</i>
19	<i>Prólogo do Autor</i>
21	Deslumbramento
33	Luta
51	Derrota
63	Pessimismo
77	Podes!
95	Tornar a lutar
115	Ressurgir
137	Vitória
155	Trabalho
169	Crisol
187	Seleção
199	Fecundidade
215	Eternidade
229	<i>Índice de textos da Sagrada Escritura</i>
233	<i>Índice por pontos de textos da Sagrada Escritura</i>
237	<i>Índice analítico</i>



## APRESENTAÇÃO

**A** 7 de agosto de 1931, dia em que a diocese de Madri celebra a festa da Transfiguração do Senhor, Mons. Josemaria Escrivá deixou anotada uma das experiências místicas que o Senhor lhe concedia. Ao celebrar a Santa Missa, Deus fez-lhe entender de um modo novo as palavras do Evangelho: *Et ego, si exaltatus fuero a terra, omnia traham ad meipsum\**. **Compreendi que serão os homens e mulheres de Deus quem levantará a Cruz com as doutrinas de Cristo sobre o pináculo de toda a atividade humana... E vi triunfar o Senhor, atraindo a Si todas as coisas. Depois, como resposta a essas luzes, continua a escrever: Apesar de sentir-me vazio de virtude e de ciência (a humildade é a verdade..., sem momices), queria escrever uns livros de fogo, que corressem pelo mundo como chama viva, prendendo a sua luz e o seu calor nos homens, convertendo os pobres corações em brasas, para oferecê-los a Jesus como rubis da sua coroa de Rei\*\*.**

*Caminho, Sulco e Forja foram também fruto dessas ânsias. Ainda que as duas últimas destas obras tenham sido publicadas*

---

(\*) *Ioann.* XII, 32; era desta forma que se escrevia, na época, o texto sagrado, segundo a versão oficial da Vulgata.

(\*\*) São Josemaria Escrivá, 7-VIII-1931. Nota manuscrita conservada no Arquivo da Prelazia da Santa Cruz e Opus Dei.

*como póstumias, nasceram então, e nenhuma descrição mais apropriada do que essas palavras do seu Autor. Forja é um livro de fogo, cuja leitura e meditação pode meter muitas almas na fornalha do Amor divino, e acendê-las em afãs de santidade e de apostolado, porque esse era o desejo de Mons. Escrivá, claramente refletido no Prólogo: **Como não hei de tomar a tua alma – ouro puro – para metê-la em forja, e trabalhá-la com o fogo e o martelo, até fazer desse ouro nativo uma joia esplêndida para oferecer ao meu Deus, ao teu Deus?***

*Forja compõe-se de 1055 pontos de meditação, distribuídos em treze capítulos. Muitos desses pontos têm uma clara feição autobiográfica: são anotações redigidas pelo Fundador do Opus Dei nuns cadernos espirituais que, sem serem um diário, escreveu durante os anos trinta. Nesses apontamentos pessoais, registrava algumas manifestações da ação divina na sua alma, para meditá-las uma vez e outra na sua oração pessoal, como também acontecimentos e episódios da vida corrente, dos quais se esforça por tirar sempre um ensinamento sobrenatural. Como é característico de Mons. Escrivá, que sempre fugiu de chamar a atenção, as referências a situações e episódios de caráter autobiográfico costumam aparecer narradas em terceira pessoa.*

*Aos que tínhamos a grande fortuna de viver a seu lado, Mons. Escrivá falou-nos muitas vezes deste livro, que foi tomando corpo ao longo dos anos. Além de lhe dar a ordem definitiva, desejava ler devagar cada um dos pontos, para pôr neles todo o seu amor sacerdotal a serviço do leitor: não lhe interessava embelezá-los, pretendia apenas chegar à intimidade das almas; e nessa espera... o Senhor o chamou à sua intimidade. E tal como os deixou, aparecem agora a público.*

*O nervo de Forja pode ser resumido nesta afirmação: **A vida de Jesus Cristo, se Lhe somos fiéis, repete-se de alguma maneira na de cada um de nós, tanto no seu processo interno – na santificação – como na conduta externa** (n. 418).*

*A configuração progressiva com Jesus Cristo, que constitui a essência da vida cristã, realiza-se de modo escondido por meio dos sacramentos\* . Requer, além disso, o esforço de cada um por corresponder à graça: por conhecer e amar o Senhor; por cultivar os seus mesmos sentimentos\*\* ; por reproduzir a sua vida na conduta diária, até poder exclamar com o Apóstolo: Vivo autem, iam non ego; vivit vero in me Christus\*\*\* , não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. Assim Mons. Escrivá nos concretiza o programa – a santidade – que o Senhor propõe a todos, sem exceção de nenhum tipo: **Repara bem: há muitos homens e mulheres no mundo, e nem a um só deles deixa o Mestre de chamar. Chama-os a uma vida cristã, a uma vida de santidade, a uma vida de eleição** (n. 13).*

*Este itinerário interior de progressiva identificação com Cristo vem a ser a trama de Forja. Uma trama que não constitui um molde rígido para a vida interior; nada mais longe das intenções de Mons. Escrivá, que tinha um enorme respeito pela liberdade interior de cada pessoa. Porque, afinal de contas, cada alma segue o seu próprio caminho, a impulsos do Espírito Santo. Estes pontos de meditação são antes sugestões de amigo, conselhos paternos para quem resolve tomar a sério a sua vocação cristã.*

---

(\*) Cfr. Concílio Vaticano II, Const. dogm. *Lumen Gentium*, n. 7.

(\*\*) Cfr. *Philip*. II, 5.

(\*\*\*) *Galat*. II, 20.

Forja, em última análise, acompanha a alma no percurso da sua santificação, desde que percebe a luz da vocação cristã até que a vida terrena se abre à eternidade. O primeiro capítulo está dedicado precisamente à vocação; o autor intitulou-o Deslumbramento, porque ficamos deslumbrados de cada vez que Deus nos vai fazendo entender que somos seus filhos, que custamos todo o Sangue do seu Filho Unigênito e que – apesar da nossa pouquidão e da nossa miséria pessoal – Ele nos quer corredores com Cristo: **Filhos de Deus. – Portadores da única chama capaz de iluminar os caminhos terrenos das almas, do único fulgor em que nunca se poderão dar escuridões, penumbras ou sombras (n. 1).**

A resposta à vocação divina exige uma luta constante. Um combate sem estrondo na palestra da vida ordinária, porque **ser santo [...] não é fazer coisas esquisitas: é lutar na vida interior e no cumprimento heroico, acabado, do dever (n. 60).**

Neste combate interior, não faltarão as derrotas, e pode espreitar-nos o perigo do desalento. Por isso, o Fundador do Opus Dei inculcou sem tréguas nas almas aquele possumus dos filhos de Zebedeu\* ; um grito – podemos! – que não nasce da presunção, mas da humilde confiança na Onipotência divina.

Mons. Escrivá gostava da imagem do burrico, um animal pouco vistoso, humilde, trabalhador, que mereceu a honra de levar Jesus Cristo em triunfo pelas ruas de Jerusalém. Essa imagem do burro, perseverante, obediente, conhecedor da sua indignidade, serve-lhe para animar o leitor a adquirir e praticar uma série de virtudes que, com agudo senso de observação, descobria no burrico de nora: **humilde, duro para o trabalho e perseverante, teimoso!, fiel, seguríssimo**

---

(\*) Marc. X, 39.

**no seu passo, forte e – se tiver bom dono – agradecido e obediente (n. 380).**

*Estreitamente ligada à humildade e à perseverança do burrico de nora, aparece, com efeito, a obediência. **Convence-te de que, se não aprendes a obedecer, não serás eficaz (n. 626).** Porque obedecer a quem em nome de Deus dirige a nossa alma e orienta o apostolado é abrir-se à graça divina, deixar agir o Espírito: é humildade. Obediência, pois, ao próprio Deus. E, por Deus, à sua Santa Igreja. Não há outro caminho: **Persuade-te, filho, de que desunir-se, na Igreja, é morrer (n. 631).** É outra das ideias-mestras na pregação de Mons. Escrivá: não separar Cristo da sua Igreja, não separar o cristão de Cristo, a quem está unido pela graça. Só assim a vitória é segura.*

*Os homens e as mulheres que procuram a santidade no mundo realizam o seu trabalho apostólico em e a partir do cumprimento dos seus deveres habituais, em primeiro lugar o trabalho profissional. **Pelo ensinamento de São Paulo, sabemos que temos de renovar o mundo no espírito de Jesus Cristo, que temos de colocar o Senhor no alto e na entranha de todas as coisas. – Achas que estás cumprindo isso no teu ofício, na tua tarefa profissional? (n. 678).***

*Juntamente com o trabalho, todas as realidades nobres dos homens devem converter-se em instrumento pessoal de santidade e de apostolado. **Admira a bondade do nosso Pai-Deus: não te enche de alegria a certeza de que o teu lar, a tua família, o teu país, que amas com loucura, são matéria de santidade? (n. 689).** Assim, refere-se também em vários pontos ao casamento e à família; e depois, aos deveres cívicos. Porque o Senhor quis que os seus filhos, os que recebemos o dom da fé, manifestássemos a original visão otimista da criação, o “amor ao mundo” que palpita no cristianismo (n. 703).*

*O Autor não deixa de recordar que, para divinizar o humano, se requer uma profunda vida interior: caso contrário, correr-se-ia o risco de humanizar o divino, sem esquecer – como ouvi repetir a Mons. Escrivá – que **todo o sobrenatural, quando se refere aos homens, é muito humano**. Por isso, quanto mais plena for a identificação com Cristo, mais prementes se tornam os afãs apostólicos, porque **a santidade – quando é verdadeira – transborda do recipiente, para encher outros corações, outras almas, dessa superabundância** (n. 856).*

*O cristão adquire um coração grande como o de Cristo, onde cabem todos. **Jesus fará que ganhes um carinho grande por todas as pessoas com quem te relacionas, que em nada toldará aquele que tens por Ele. Ao contrário: quanto mais amares Jesus, mais gente caberá no teu coração** (n. 876). Detesta-se então toda a mesquinhez, qualquer tentativa de particularismo e mais ainda de facção. Entrelaçam-se assim duas atitudes típicas da alma amadurecida: uma insaciável ânsia de almas – **nenhuma! te pode ser indiferente** (n. 951) – e o desejo – também insaciável – de união com Deus (cfr. n. 927).*

*Como a ânsia de Deus não pode ser saciada nesta terra, anela-se pela união definitiva na eternidade. Este é o tema do último capítulo de Forja. Em estilo paulino, e de modo especialmente intenso nos últimos anos da sua vida, o Fundador do Opus Dei sentia simultaneamente a aspiração de abraçar quanto antes o seu Amor no Céu – quantas vezes não repetiu as palavras do salmo: Vultum tuum, Domine, requiram!\* – e o desejo de servi-Lo eficazmente por muito tempo na terra: **Morrer é uma coisa boa. Como pode ser que haja quem***

---

(\*) Ps. XXVI, 8.

**tenha fé e, ao mesmo tempo, medo da morte?... Mas, enquanto o Senhor te quiser manter na terra, morrer, para ti, é uma covardia. Viver, viver e padecer e trabalhar por Amor: isto é o que te toca (n. 1037).**

*Há deste modo uma perfeita continuidade na vida dos filhos de Deus: a felicidade do Céu é para os que sabem ser felizes na terra (n. 1005). É o prêmio que Jesus Cristo prometeu aos seus seguidores\* : felizes aqui, com uma felicidade relativa, e plenamente ditosos na vida eterna.*

*Atrevo-me a assegurar-te, amigo leitor, que se tu e eu nos metermos nesta forja do Amor de Deus, as nossas almas se farão melhores, perderão um pouco da ganga que tinham. Mons. Escrivá guiar-nos-á pelos caminhos da vida interior, com passo seguro, como quem conhece o terreno palmo a palmo, porque o percorreu muitas vezes. Se nos lançarmos de verdade a percorrer esta senda, se começarmos e recomeçarmos quantas vezes for preciso (cfr. n. 384), também nós chegaremos ao fim da nossa carreira com paz e alegria, certos de sermos acolhidos nos braços do nosso Pai do Céu.*

*Temos, não o esqueças, a proteção da Santíssima Virgem; a Ela recorreremos ao terminarmos estas páginas, com palavras de Forja, para que a leitura e a meditação deste livro alcancem em nós, com a graça de Deus, a finalidade que Mons. Escrivá se propôs ao escrevê-lo: **Mãe! Faz que eu procure o teu Filho; faz que eu encontre o teu Filho; faz que eu ame o teu Filho... com todo o meu ser!** (n. 157).*

Roma, 26 de dezembro de 1986  
Álvaro del Portillo

---

(\*) Cfr. *Matth.* XIX, 29.



## O AUTOR

**S**ão Josemaria Escrivá nasceu em Barbastro (Espanha), no dia 9 de janeiro de 1902. Em 1918 começou os estudos eclesiásticos no Seminário de Logroño, prosseguindo-os depois no de São Francisco de Paula, em Saragoça. Entre 1923 e 1927 estudou também Direito Civil na Universidade de Saragoça. Recebeu a ordenação sacerdotal em 25 de março de 1925. Iniciou o seu ministério sacerdotal na paróquia de Perdiguera, continuando-o depois em Saragoça.

Na primavera de 1927 mudou-se para Madri, onde realizou um infatigável trabalho sacerdotal em todos os ambientes, dedicando também a sua atenção aos pobres e desvalidos dos bairros mais distantes, especialmente doentes incuráveis e moribundos dos hospitais. Aceitou o cargo de capelão do Patronato dos Enfermos, trabalho assistencial das Damas Apostólicas do Sagrado Coração, e foi professor em uma academia universitária, enquanto fazia o doutorado em Direito Civil.

No dia 2 de outubro de 1928, o Senhor fez-lhe ver o Opus Dei (Obra de Deus). Em 14 de fevereiro de 1930 compreendeu –

por inspiração divina – que devia estender o apostolado do Opus Dei também às mulheres. Abria-se assim na Igreja um caminho novo, destinado a promover entre pessoas de todas as classes sociais a procura da santidade e o exercício do apostolado, mediante a santificação do trabalho de cada dia no meio do mundo. No dia 14 de fevereiro de 1943, fundou a Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz, inseparavelmente unida ao Opus Dei. Além de permitir a ordenação sacerdotal de membros leigos do Opus Dei e a sua incardinção a serviço da Obra, a Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz viria a permitir mais tarde que os sacerdotes incardinados nas dioceses pudessem participar do espírito e da ascética do Opus Dei, buscando a santidade no exercício dos seus deveres ministeriais, em dependência exclusiva do seu respectivo Bispo. O Opus Dei foi erigido em Prelazia pessoal por São João Paulo II no dia 28 de novembro de 1982: era a forma jurídica prevista e desejada por São Josemaria Escrivá.

Em 1946 Mons. Escrivá passou a residir em Roma, onde permaneceu até o fim da vida. Dali estimulou e orientou a difusão do Opus Dei por todo o mundo, dedicando-se a dar aos homens e mulheres da Obra e a muitas outras pessoas uma sólida formação doutrinal, ascética e apostólica. Por ocasião da sua morte, o Opus Dei contava mais de 60.000 membros de oitenta nacionalidades.

São Josemaria Escrivá faleceu em 26 de junho de 1975. Havia anos, oferecia a Deus a sua vida pela Igreja e pelo Papa. Seu corpo repousa no altar da igreja prelatícia de Santa Maria da Paz, na sede central da Prelazia do Opus Dei. A fama de santidade que Fundador do Opus Dei já tinha em vida foi-se estendendo após a sua morte por todos os cantos do mundo, como mostram os abundantes testemunhos de favores espirituais e materiais que

se atribuem à sua intercessão, entre eles algumas curas medicamente inexplicáveis. São João Paulo II canonizou Josemaria Escrivá no dia 6 de outubro de 2002.

Entre seus escritos publicados, contam-se, além do estudo teológico-jurídico *La Abadesa de Las Huelgas*, livros de espiritualidade traduzidos para numerosas línguas: *Caminho, Santo Rosário, É Cristo que passa, Amigos de Deus, Via Sacra, Sulco, Forja* e *Em diálogo com o Senhor*. Sob o título *Entrevistas com Mons. Josemaria Escrivá* publicaram-se também algumas entrevistas que concedeu à imprensa. Uma ampla documentação sobre São Josemaria pode ser encontrada em [www.escrivaworks.org.br](http://www.escrivaworks.org.br), em [www.opusdei.org](http://www.opusdei.org) e em [www.josemariaescriva.info](http://www.josemariaescriva.info).



Aquela mãe

— santamente apaixonada, como todas as mães —  
chamava ao seu filho pequeno:  
seu príncipe, seu rei, seu tesouro, seu sol.

Eu pensei em ti.

E entendi

— que pai não traz nas entranhas qualquer coisa de  
maternal? —

que não era exagero o dizer da mãe boa:

tu... és mais que um tesouro,

vales mais que o sol:

vales todo o sangue de Cristo!

Como não hei de tomar a tua alma

— ouro puro —

para metê-la em *forja*,

e trabalhá-la com o fogo e o martelo,

até fazer desse ouro nativo uma joia esplêndida

para oferecer ao meu Deus,

ao teu Deus?



## DESLUMBRAMENTO

1 Filhos de Deus. – Portadores da única chama capaz de iluminar os caminhos terrenos das almas, do único fulgor em que nunca se poderão dar escuridões, penumbras ou sombras.

– O Senhor serve-se de nós como tochas, para que essa luz ilumine... De nós depende que muitos não permaneçam em trevas, mas andem por caminhos que levam até à vida eterna.

2 – Deus é meu Pai! – Se meditares nisto, não sairás desta consoladora consideração.

– Jesus é meu Amigo íntimo! (outra descoberta), que me ama com toda a divina loucura do seu Coração.

– O Espírito Santo é meu Consolador!, que me guia nos passos de todo o meu caminho.

Pensa bem nisto. – Tu és de Deus..., e Deus é teu.

3 Meu Pai – trata-O assim, com confiança! –, que estás nos Céus, olha-me com Amor compassivo, e faz que eu te corresponda.

– Derrete e inflama o meu coração de bronze, queima e purifica a minha carne não mortificada, enche o meu entendimento de luzes sobrenaturais, faz que a minha língua seja pregoeira do Amor e da Glória de Cristo.

4 Cristo, que subiu à Cruz com os braços abertos de par em par, com gesto de Sacerdote Eterno, quer contar conosco – que não somos nada! – para levar a “todos” os homens os frutos da sua Redenção.

5 Estamos com gosto, Senhor, na tua mão chagada. Apertamos com força!, espreme-nos!, que percamos toda a miséria terrena!, que nos purifiquemos, que nos inflamemos, que nos sintamos embebidos no teu Sangue!

– E depois, lança-nos longe!, longe, com fomes de messe, para uma sementeira cada dia mais fecunda, por Amor de ti.

6 Não tenhas medo, nem te assustes, nem te espantes, nem te deixes levar por uma falsa prudência.

A chamada para cumprir a Vontade de Deus – e bem assim a vocação – é repentina, como a dos Apóstolos: encontrar Cristo e seguir o seu chamamento...

– Nenhum deles hesitou: conhecer Cristo e segui-Lo foi tudo uma só coisa.

7 Chegou para nós um dia de salvação, de eternidade. Uma vez mais se ouvem esses silvos do Pastor Divino, essas palavras carinhosas: «Vocavi te nomine tuo» – Eu te chamei pelo teu nome.

Como a nossa mãe, Ele nos convida pelo nome. Mais ainda: pelo apelido carinhoso, familiar. – Lá na intimidade da alma, Ele chama, e é preciso responder: «Ecce ego, quia vocasti me» – aqui estou porque me chamaste, decidido a não permitir que, desta vez, o tempo passe como a água sobre as pedras, sem deixar rasto.

8 Tens de viver junto de Cristo! Deves ser, no Evangelho, um personagem mais, convivendo com Pedro, com João, com André..., porque Cristo também vive agora: «Jesus Christus,

heri et hodie, ipse et in saecula!» – Jesus Cristo vive!, hoje como ontem: é o mesmo, pelos séculos dos séculos.

**9** Senhor, que os teus filhos sejam como uma brasa ardentíssima, sem labaredas que se vejam de longe. Uma brasa que prenda o primeiro ponto de ignição em cada coração que tenham perto de si...

– Tu farás que essa fagulha se converta num incêndio: os teus Anjos – bem o sei, bem o tenho visto – são muito entendidos em soprar sobre o rescaldo dos corações..., e um coração sem cinzas não pode deixar de ser teu.

**10** Pensa no que diz o Espírito Santo, e enche-te de pasmo e agradecimento: «Elegit nos ante mundi constitutionem» – escolheu-nos antes de criar o mundo –, «ut essemus sancti in conspectu eius!» – para que sejamos santos na sua presença.

– Ser santo não é fácil, mas também não é difícil. Ser santo é ser bom cristão: parecer-se com Cristo. – Aquele que mais se parece com Cristo, esse é mais cristão, mais de Cristo, mais santo.

– E que meios temos? – Os mesmos dos primeiros fiéis, que viram Jesus ou O entreviram através dos relatos dos Apóstolos ou dos Evangelistas.

**11** Que dívida a tua para com teu Pai-Deus! – Ele te deu o ser, a inteligência, a vontade... Deu-te a graça: o Espírito Santo; Jesus, na Hóstia; a filiação divina; a Santíssima Virgem, Mãe de Deus e Mãe nossa. Deu-te a possibilidade de participares da Santa Missa e te concede o perdão dos teus pecados, tantas vezes o seu perdão! Deu-te dons sem conta, alguns extraordinários...

– Diz-me, filho: como tens correspondido?, como correspondeste?

12 Não sei o que se passará contigo..., mas eu preciso confiar-te a minha emoção interior, depois de ler as palavras do profeta Isaías: «Ego vocavi te nomine tuo, meus es tu!» – Eu te chamei, Eu te trouxe à minha Igreja, tu és meu! Que Deus me diga a mim que sou dEle! É para ficar louco de Amor!

13 Repara bem: há muitos homens e mulheres no mundo, e nem a um só deles deixa o Mestre de chamar.

Chama-os a uma vida cristã, a uma vida de santidade, a uma vida de eleição, a uma vida eterna.

14 Cristo padeceu por ti e para ti, para te arrancar da escravidão do pecado e da imperfeição.

15 Nestes momentos de violência, de sexualidade brutal, selvagem, temos de ser rebeldes. Tu e eu somos rebeldes: não nos dá na veneta deixar-nos levar pela corrente, e ser uns animais.

Queremos portar-nos como filhos de Deus, como homens ou mulheres muito chegados a seu Pai, que está nos Céus e quer estar muito perto – dentro! – de cada um de nós.

16 Medita nisto com frequência: sou católico, filho da Igreja de Cristo! Ele me fez nascer num lar “seu”, sem nenhum mérito da minha parte.

– Quanto te devo, meu Deus!

17 Recordai a todos – e de modo especial a tantos pais e a tantas mães de família que se dizem cristãos – que a “vocaçãõ”, a chamada de Deus, é uma graça do Senhor, uma escolha feita pela bondade divina, um motivo de santo orgulho, um servir a todos com gosto por amor a Jesus Cristo.

**18** Serve-me de eco: não é um sacrifício, para os pais, que Deus lhes peça os filhos; nem, para aqueles que o Senhor chama, é um sacrifício segui-Lo.

É, pelo contrário, uma honra imensa, um orgulho grande e santo, uma prova de predileção, um carinho particularíssimo, que Deus manifestou num momento concreto, mas que estava na sua mente desde toda a eternidade.

**19** Agradece a teus pais o fato de te terem dado a vida, para poderes ser filho de Deus. – E sê ainda mais agradecido, se foram eles que puseram na tua alma o primeiro germe da fé, da piedade, do teu caminho de cristão ou da tua vocação.

**20** Há muitas pessoas à tua volta, e não tens o direito de ser obstáculo ao seu bem espiritual, à sua felicidade eterna.

– Tens obrigação de ser santo: de não frustrar Deus pela escolha de que te fez objeto; nem tampouco essas criaturas que tanto esperam da tua vida de cristão.

**21** O mandamento de amar os pais é de direito natural e de direito divino positivo, e eu o tenho chamado sempre “dulcíssimo preceito”.

– Não descures a tua obrigação de amar cada dia mais os teus, de mortificar-te por eles, de rezar por eles e de lhes agradecer todo o bem que lhes deves.

**22** Tal como quer o Mestre, tu tens de ser – bem metido neste mundo, em que nos toca viver, e em todas as atividades dos homens – sal e luz. – Luz que ilumina as inteligências e os corações; sal que dá sabor e preserva da corrupção.

Por isso, se te falta ímpeto apostólico, far-te-ás insípido e inútil, defraudarás os outros e a tua vida será um absurdo.

23 Uma onda suja e podre – vermelha e verde – empenha-se em submergir a terra, cuspidando a sua porca saliva sobre a Cruz do Redentor...

E Ele quer que das nossas almas saia outra onda – branca e poderosa, como a destra do Senhor –, que afogue, com a sua pureza, a podridão de todo o materialismo e neutralize a corrupção que inundou o orbe: é para isso que vêm – e para mais – os filhos de Deus.

24 Muitos, com ares de autojustificação, se interrogam: – Eu, por que hei de meter-me na vida dos outros?

– Porque tens obrigação, como cristão, de meter-te na vida dos outros, para servi-los!

– Porque Cristo se meteu na tua vida e na minha!

25 Se és outro Cristo, se te comportas como filho de Deus, onde estiveres queimarás: Cristo abrasa, não deixa indiferentes os corações.

26 Dói ver que, depois de dois mil anos, há no mundo tão poucos que se chamem cristãos. E que, dos que se chamam cristãos, há tão poucos que vivam a verdadeira doutrina de Jesus Cristo.

Vale a pena jogar a vida inteira!: trabalhar e sofrer, por Amor, para levar avante os desígnios de Deus, para corredimir.

27 Vejo a tua Cruz, meu Jesus, e gozo da tua graça, porque o prêmio do teu Calvário foi para nós o Espírito Santo... E Tu te entregas a mim, cada dia, amoroso – louco! – na Hóstia Santíssima... E me fizeste filho de Deus!, e me deste a tua Mãe.

Não me basta a ação de graças; escapa-me o pensamento: – Senhor, Senhor, tantas almas longe de ti!

Fomenta na tua vida as ânsias de apostolado, para que O conheçam..., e O amem..., e se sintam amados!

28 Algumas vezes – ouviste-me comentar isto com frequência –, fala-se do amor como se fosse um impulso para a auto-satisfação, ou um mero recurso para completar de modo egoísta a própria personalidade.

– E sempre te disse que não é assim: o amor verdadeiro exige que saíamos de nós mesmos, que nos entreguemos. O autêntico amor traz consigo a alegria: uma alegria que tem as raízes em forma de Cruz.

29 Meu Deus, como é possível que eu veja um Crucifixo e não clame de dor e de amor?

30 Pasma-te ante a magnanimidade de Deus: fez-se Homem para nos redimir, para que tu e eu – que não valem nada, reconhece-o! – O tratemos com confiança.

31 Ó Jesus..., fortalece as nossas almas, aplaina o caminho e, sobretudo, embriaga-nos de Amor! Converte-nos assim em fogueiras vivas, que incendeiem a terra com o fogo divino que Tu trouxeste.

32 Aproximar-se um pouco mais de Deus quer dizer estar disposto a uma nova conversão, a uma nova retificação, a escutar atentamente as suas inspirações – os santos desejos que faz brotar em nossas almas – e a pô-los em prática.

33 De que te envaideces? – Todo o impulso que te move é dEle. Atua em consequência.

34 Que respeito, que veneração, que carinho temos de sentir por uma só alma, ante a realidade de que Deus a ama como coisa sua!

35 Aspiração: oxalá queiramos usar os dias, que o Senhor nos dá, unicamente para agradecer-Lhe!

36 Desejo que o teu comportamento seja como o de Pedro e o de João: que consideres na tua oração, para falar com Jesus, as necessidades dos teus amigos, dos teus colegas..., e que depois, com o teu exemplo, possas dizer-lhes: «Respice in nos!» – olhai para mim!

37 Quando se ama muito uma pessoa, deseja-se saber tudo o que lhe diz respeito.

– Medita nisto: tens fome de conhecer Cristo? Porque... é com essa medida que O amas.

38 Mentem – ou estão enganados – os que afirmam que nós, os sacerdotes, estamos sós: estamos mais acompanhados do que ninguém, porque contamos com a contínua companhia do Senhor, com quem temos de manter um trato ininterrupto.

– Somos enamorados do Amor, do Autor do Amor!

39 Vejo-me como um pobre passarinho que, acostumado a voar somente de árvore em árvore ou, quando muito, até à varanda de um terceiro andar..., um dia, na sua vida, se encheu de brios para chegar até o telhado de um modesto prédio, que não era precisamente um arranha-céus...

Mas eis que o nosso pássaro é arrebatado por uma águia – que o tomou erradamente por uma cria da sua raça – e, entre aquelas garras poderosas, o passarinho sobe, sobe muito alto, acima das montanhas da terra e dos cumes nevados, acima das nuvens brancas e azuis e róseas, mais acima ainda, até olhar o sol de frente... E então a águia, soltando o passarinho, diz-lhe: – Anda lá, voa!

– Senhor, que eu não torne a voar colado à terra!, que esteja sempre iluminado pelos raios do divino Sol – Cristo – na

Eucaristia!, que o meu voo não se interrompa enquanto não alcançar o descanso do teu Coração!

**40** Assim concluía a sua oração aquele nosso amigo: “Amo a Vontade do meu Deus. Por isso, em completo abandono, que Ele me leve como e por onde quiser”.

**41** Pede ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, e à tua Mãe, que te façam conhecer-te e chorar por esse montão de coisas sujas que passaram por ti, deixando – ai! – tanto resíduo...

E ao mesmo tempo, sem queres afastar-te dessa consideração, diz-Lhe: – Dá-me, Jesus, um Amor qual fogueira de purificação, onde a minha pobre carne, o meu pobre coração, a minha pobre alma, o meu pobre corpo se consumam, limpando-se de todas as misérias terrenas... E, já vazio todo o meu eu, enche-o de Ti: que não me apegue a nada daqui de baixo; que sempre me sustente o Amor.

**42** Não desejes nada para ti, nem bom nem mau: tens de querer para ti somente o que Deus quiser.

Seja o que for, vindo da sua mão – de Deus –, por ruim que pareça aos olhos dos homens, a ti parecer-te-á bom, e muito bom!, e dirás, com uma convicção sempre maior: «Et in tribulatione mea dilatasti me..., et calix tuus inebrians, quam praeclarus est!» – encontrei alegria na tribulação..., como é maravilhoso o teu cálice, que embriaga todo o meu ser!

**43** É preciso oferecer ao Senhor o sacrifício de Abel. Um sacrifício de carne jovem e formosa, o melhor do rebanho: de carne sã e santa; de corações que só tenham um amor: Tu, meu Deus!; de inteligências trabalhadas pelo estudo profundo, que se renderão perante a tua Sabedoria; de almas de crianças, que só pensarão em agradecer-Te.

– Recebe desde agora, Senhor, este sacrifício em odor de suavidade.

44 É preciso saber entregar-se, arder diante de Deus, como essa luz que se coloca no castiçal para iluminar os homens que andam em trevas; como essas lamparinas que se queimam junto do altar e se consomem alumiando até se gastarem.

45 O Senhor – Mestre de Amor – é um amante ciumento que pede tudo o que é nosso, todo o nosso querer. Espera que Lhe ofereçamos o que temos, seguindo o caminho que nos marcou a cada um.

46 Meu Deus, vejo que não te aceitarei como meu Salvador, se não te reconhecer ao mesmo tempo como Modelo.

– Já que quiseste ser pobre, dá-me amor à Santa Pobreza. O meu propósito, com a tua ajuda, é viver e morrer pobre, ainda que tenha milhões à minha disposição.

47 Ficaste muito sério quando te confiei: se é para o Senhor, a mim tudo me parece pouco.

48 Oxalá se possa dizer que a característica que define a tua vida é “amar a Vontade de Deus”.

49 Qualquer trabalho, mesmo o mais escondido, mesmo o mais insignificante, oferecido ao Senhor, traz a força da vida de Deus!

50 Tens de sentir a responsabilidade da tua missão: contempla-te o Céu inteiro!

51 Deus espera-te! – Por isso, aí onde estás, tens de comprometer-te a imitá-Lo, a unir-te a Ele, com alegria, com amor,

com entusiasmo, ainda que se apresente a circunstância – ou uma situação permanente – de teres de caminhar a contra-gosto.

Deus espera-te..., e precisa da tua fidelidade!

**52** Escrevias: “Eu te ouço clamar, meu Rei, com viva voz, que ainda vibra: «Ignem veni mittere in terram, et quid volo nisi ut accendatur?» – vim trazer fogo à terra, e que quero senão que arda?”

Depois acrescentavas: “Senhor, eu te respondo – eu inteiro – com os meus sentidos e potências: «Ecce ego quia vocasti me!» – aqui me tens porque me chamaste!”

– Que esta tua resposta seja uma realidade quotidiana.

**53** Deves ter o comedimento, a fortaleza, o senso de responsabilidade que muitos adquirem com o passar dos anos, com a velhice. Alcançarás tudo isso, sendo jovem, se não perderes o sentido sobrenatural de filho de Deus: porque Ele te dará, mais que aos anciãos, essas condições convenientes para realizares o teu trabalho de apóstolo.

**54** Gozas de uma alegria interior e de uma paz que não trocarias por nada. Deus está aqui: não há coisa melhor do que contar-Lhe as penas, para que deixem de ser penas.

**55** Como é possível que Cristo venha atuando na terra há tantos anos – vinte séculos –, e o mundo esteja assim?, perguntavas-me. Como é possível que ainda haja gente que não conhece o Senhor?, insistias.

– E eu te respondi com toda a segurança: – Temos a culpa nós!, que fomos chamados para ser corredutores, e às vezes – talvez muitas! – não correspondemos a essa Vontade de Deus.

**56** Humildade de Jesus: por contraste, que vergonha para mim – pó de esterco –, que tantas vezes disfarcei a minha soberba sob um manto de dignidade, de justiça!... – E assim, quantas ocasiões de seguir o Mestre não perdi, ou desaproveitei, por não as ter sobrenaturalizado!

**57** Doce Mãe..., leva-nos até uma loucura que faça, dos outros, loucos pelo nosso Cristo.

Maria, doce Senhora: que o Amor não seja em nós falso incêndio de fogos fátuos, produto às vezes de cadáveres decompostos...; que seja verdadeiro incêndio devorador, que ateie e queime tudo quanto toque.